

ARLETE LISBOA DOS SANTOS GRAIA

**O LUGAR DA LITERATURA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA EM
DA INUTILIDADE DA POESIA,
DE ANTONIO BRASILEIRO**

ARLETE LISBOA DOS SANTOS GRAIA

**O LUGAR DA LITERATURA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA EM
DA INUTILIDADE DA POESIA,
DE ANTONIO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado da
Bahia – UNEB, Departamento de Ciências
Humanas e Tecnologias – DCHT, Campus
XX, como requisito para obtenção do título
de Especialista em Literatura Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Rosa dos Santos
Junior

2022 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Autora

Arlete Lisboa dos Santos Graia

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: A autora

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Graia, Arlete Lisboa dos Santos
G743o O lugar da literatura na sociedade contemporânea em Da inutilidade da poesia, de Antonio Brasileiro / Arlete Lisboa dos Santos Graia. – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2022. 50 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84599-64-2

DOI: 10.5281/zenodo.6955145

1. Lírica. 2. Poesia. 3. Crise. 4. Poeta. 5. Modernidade. I. Graia, Arlete Lisboa dos Santos. II. Título.

CDD: B869.91

CDU: 82-1

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.uniesmero.com.br/2022/08/o-lugar-da-literatura-na-sociedade.html>



Ao meu filho, meu esposo e minha família, pois o amor de vocês é que me ilumina.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido professor Dr. José Rosa dos Santos Júnior, meu exemplo de sabedoria literária, pela acolhida e orientação valiosa;

Aos meus pais, pelo cuidado de me fazer quem sou;

Ao meu esposo e meu filho, pelo apoio e carinho;

Aos meus irmãos, sogra, sobrinhas, cunhadas e cunhados pelo incentivo;

Ao meu amigo e colega de curso e trabalho Lucas Porto, pela sua orientação e ajuda valiosa;

Aos meus colegas de classe;

À secretária do Curso de Pós-graduação Tatiana Porto e nossa Coordenadora Renailda Cazumbá, pelo excelente empenho no serviço prestado à coordenação desse curso;

Aos professores, colegas, Direção, técnicos e demais funcionários da UNEB – *Campus XX* – Brumado, por todo carinho e atenção durante esse período.

“Ler um poema é ouvi-lo com os olhos; ouvi-lo é vê-lo com os ouvidos.”

(PAZ)

RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir acerca da desvalorização da poesia e do poeta no mundo moderno, buscando assim refletir e perceber a real importância dessa arte. O estudo tem a pretensão de compreender o pensamento crítico de Antonio Brasileiro sobre a força da palavra poética, em seu livro *Da inutilidade da poesia* (2002). Nesta obra, o autor defende que a arte pode não servir para nada, especialmente na sociedade contemporânea. E, em relação à literatura, propõe uma abordagem sobre os efeitos desta no sujeito leitor. Brasileiro fundamenta sua reflexão em poetas, filósofos e críticos que questionam esse lugar da literatura e sua função na sociedade, sobretudo Platão, que projetou um lugar marginal para o poeta. Para realização desta pesquisa bibliográfica, com o intuito de enriquecer a qualidade desta pesquisa, a fundamentação teórica é feita com base nas obras de alguns autores como: Aleilton Fonseca (2000), Octavio Paz (2012), Antonio Brasileiro (2002), Roberval Pereyr (2012), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Lírica. Poesia. Crise. Poeta. Modernidade.

ABSTRACT

The present work aims to reflect on the devaluation of poetry and poet in the modern world, thus seeking to reflect and perceive the real importance of this art. The study intends to understand the critical thinking of Antonio Brasileiro on the strength of the poetic word in his book *On the Uselessness of Poetry* (2002). In this work, the author argues that art can serve no purpose, especially in contemporary society. And, regarding the literature, proposes an approach on the effects of this on the reader subject. Brazilian bases his reflection on poets, philosophers and critics who question this place of literature and its function in society, especially Plato, who projected a marginal place for the poet. In order to carry out this bibliographic research, in order to enrich the quality of this research, the theoretical basis is based on the works of some authors such as: Aleilton Fonseca (2000), Octavio Paz (2012), Antonio Brasileiro (2002), Roberval Pereyr (2012), among others.

KEY-WORDS: Lyric. Poetry. Crisis. Poet. Modernity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O NÃO LUGAR DA LITERATURA NA POLIS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE: O CASO DA REVISTA <i>HERA</i>	11
2.1 ANTONIO BRASILEIRO	13
2.2 IDERVAL MIRANDA	16
2.3 ROBERVAL PEREYR	18
3 A LIRICA MODERNISTA	23
3.1 A CRISE DA POESIA NO MUNDO MODERNO	24
3.2 O POETA NA METRÓPOLE.....	28
4 DA INUTILIDADE DA POESIA: LITERATURA, MERCADO E EXCLUSÃO	31
4.1 DA UTILIDADE À INUTILIDADE DA POESIA.....	33
4.2 AS REPRESENTAÇÕES DA INUTILIDADE.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O ensaio *Da Inutilidade da Poesia* (2002), do poeta Antonio Brasileiro, é uma provocação não só para aqueles que fazem poesia, mas também para quem estuda e pensa acerca do poético. Ao voltar-se para questões difíceis, como o social e a poesia, Brasileiro aborda conclusões preocupantes, como a de que a inutilidade a qual se refere o livro é um claro sinal de que a civilização atual está doente. Sendo assim, não é na poesia que se deve buscar o erro, visto não haver nada de errado com ela. Segundo ele, o homem é que está doente: “Se uma sociedade faz ouvidos mochos à poesia, escreve ele, esta sociedade não deve ir muito longe”. (BRASILEIRO, 2002, p. 11) Dessa forma, ele evoca Platão para situar o leitor em seu presente confuso e, ao mesmo tempo, obscuro: “Platão expulsara os poetas de sua república por serem perigosos” (BRASILEIRO, 2002, p. 11).

Platão acreditava que a literatura afetava negativamente os leitores, porque, além de criar um mundo falso, mal copiado do mundo das ideias, despertaria no homem tudo aquilo que deveria ser reprimido. Ele via na Literatura uma potência revolucionária. Portanto, os poetas deveriam ser excluídos de sua “República” por serem perigosos. Os efeitos da literatura no sujeito leitor: era disso que ele tinha medo. No entanto, hoje, segundo afirma Brasileiro (2002, p. 11), “nenhum poeta oferece perigo. Pode-se deixá-los inteiramente à vontade, são inofensivos. Inúteis, na melhor das hipóteses”.

Antonio Brasileiro afirma, em seu ensaio *Da Inutilidade da Poesia* (2002), que a crise é momentânea, mesmo porque “a derrocada da poesia seria a derrocada da civilização”. Ao mexer com esse tema, o que ele faz, conscientemente, é chamar a atenção para o caráter “quase sagrado” da poesia e para a necessidade de uma tomada de posição do poeta, que exerce um papel cada dia menos importante na sociedade. O poeta já não é mais visto como um deus, pois poucas pessoas compram livros de literatura ou de poesia, ninguém discute ou conversa sobre a mesma. As pessoas, os jovens, em sua maioria, estão todas muito ocupadas com as novas tecnologias, computador, celular, televisão, gibis, revistas, etc.

Sobre essa situação do poeta, Bosi (1983), afirma que, no mundo antigo, o poeta tinha o estatuto de um deus. No mundo moderno, burguês e capitalista, essa coincidência se desfaz e a divergência se concretiza, deixando um vazio em que o

poeta perde de vez sua pertença original. E isso acontece porque a literatura não é um produto rentável, não vende, não dá lucro e não gera dinheiro. A poesia vem perdendo espaço e a questão atual é que, numa lógica absurda e mal construída, o que é inútil ou aparentemente inútil, sem utilidade imediata, é, prontamente, considerado desimportante. A comprovação, porém, é que as pessoas fazem uso da poesia não por ela ser útil, mas por ela ser importante, característica que não depende de sua utilidade.

Em virtude do que foi mencionado, percebe-se que a literatura nem sempre foi aceita pacificamente na sociedade. Isso porque ela subverte a ordem das coisas, tira os sujeitos do lugar comum, questiona os poderes instituídos e também por não estar nessa engrenagem do comércio capitalista. Além de subverter a ordem natural das coisas, a literatura ainda se apresenta como produto não lucrativo.

Por tudo isso, o eixo da pesquisa aqui apresentada é propor uma reflexão acerca da desvalorização da poesia e do poeta no mundo moderno, onde as pessoas vivem guiadas, e iludidas pelo consumismo e pelas novas tecnologias. Tudo isso leva à formação de seres humanos materialistas, individualistas e, acima de tudo, solitários.

Sobre essa situação, Roberval Pereyr (2012, p. 96), fala que, num mundo em que “Deus está morto e em que a própria Razão, através da Crítica, se automutila, pondo por terra todo um edifício de valores erguidos ao longo de séculos, as ‘verdades’ vacilam”. Rompe-se com os modelos de homem e de mundo. O próprio ser humano, com seu espírito racional moderno, é o principal responsável por esse processo de desestrutura, rupturas e anormalidades no qual vivem a sociedade atual, tanto moral, quanto social, linguístico e filosófico.

A estrutura do trabalho monográfico aqui proposto compreendeu três momentos: no primeiro capítulo, é apresentada uma discussão sobre a revista *Hera* e seus idealizadores. No segundo capítulo, as reflexões e discussões se referem às transformações ideológicas na literatura moderna. Por fim, no terceiro e último capítulo, os estudos se desenvolveram em torno da discussão da utilidade e da inutilidade da poesia, proposta por Brasileiro.

2 O (NÃO) LUGAR DA LITERATURA NA POLIS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE: O CASO DA REVISTA *HERA*

Criada no início da década de 70 a revista *Hera* esboçou um importante movimento literário e cultural na cidade de Feira de Santana, que teve uma grande repercussão não só na Bahia, mas em todo Brasil. Segundo afirma Lima (2007, p. 45), o grupo *Hera* surgiu não apenas com o objetivo de seguir as transformações pela qual passava a arte brasileira, mas também para deixar marcas, de forma permanente, “nas letras baianas”, além, também, de contestar o domínio “do eixo Rio / São Paulo” como “representantes da poesia e da intelectualidade brasileira”. Na revista de número quinze, o grupo publica um manifesto no qual ele expressa sua crítica em relação aos padrões estéticos seguidos e defendidos naquele período no meio das artes. Abaixo, um trecho do manifesto:

Não aos padrões estéticos das
metrópoles,

não a essa arte que embevece
“a todos”.

Mas tudo, tudo, tudo

água passada. Estagnada. Estável.
Sossegada. Inofensiva

Marioswaldeana.

A poesia do próximo milênio
abolirá todos os ismos.¹

Esse pequeno trecho mostra que o grupo buscava romper com os padrões estéticos “das metrópoles” e que suas críticas eram contra o “modismo” e a política cultural que era ditada (2007, p. 46). Discutem também, em alguns manifestos, os valores que foram deixados pelo modernismo, chamado de fase “Heroica” (2007, p. 46), mas, sobretudo, defendiam o seu jeito de ver e fazer poesia.

¹ Trecho do manifesto do grupo Hera publicado na contra capa da revista Hera nº 15/1985.

Arquitetada e dirigida pelo poeta Antonio Brasileiro, fundador das Edições Cordel, e sustentada também pela persistência de seus colegas e cofundadores da revista Roberval Pereyr, Washington Queiroz, Juraci Dória, Rubens Alves Pereira, Wilson Pereira de Jesus e Iderval Miranda, a *Hera* conseguiu reunir mais de uma geração de poetas. Participaram também como colaboradores e membros do grupo poetas como: Cremildo Souza, Trazímbulo Henrique Pardo Casas, Luís Pimentel, Juraciara Lima, Nanja, Anne Cerqueira, Uaçai Lopes, Cristóvam Aguiar, Raymundo Luiz Lopes, Luiz Valverde, Antonio Gabriel, Elieser Cesar e Assis Freitas Filho. Todos esses poetas contribuíram, cada um do seu jeito, para manter viva a arte de criar e acreditar na poesia, pois, como diz Antônio Brasileiro: “O mundo não pode viver sem poesia. Não existiria”. *Hera* enfrentou a severidade de um mundo contrário, não só à poesia, mas também à arte.

Hera nasceu com o objetivo de juntar as pessoas que faziam poesia e também para quem se interessava por ela. Muitos dos poetas desse grupo buscavam em suas obras retratar o que é “simples” e também os limites da existência humana. O manifesto publicado no número 15 da revista mostra um pouco de como eles viam a poesia, conforme se vê no seguinte trecho:

Não somos poetas de enredo-
confiamos nas palavras.
As palavras: com sua carne e seu cerne, com suas roupas azuis e
verdes e escarlates, com seus passos de dança
no ar, sua mágica, máxima alvura, negror profundo.
Confiamos nas palavras que
Não dizem nada e nas que matam.
Porque somos eminentemente Poetas, espécies de deuses,
buscando domar o caos - o nosso e o vosso².

Esse trecho deixa claro o que realmente é importante para eles: a “palavra”. Segundo afirma Lima (2007, p. 68), o objeto de trabalho deles é a palavra, que, para o poeta, “tem cor, forma cheiro, movimento: vida”. A palavra, para eles, por si só, mostra a luz necessária para domar o caos.

Muito do que foi produzido, no que diz respeito à poesia moderna no país, não era visto como uma poesia de qualidade, ao contrário, a própria ideia canônica

² Trecho do Manifesto do Grupo Hera, publicado na revista nº 15 originalmente em 1985.

de “qualidade estética” foi deixada de lado. No entanto, o que se valorizava era o desempenho dos poetas e não a poesia produzida. Porém, é contra esse cenário que os poetas de *Hera* se levantam e gritam: “chega de ‘modismos’!”. A poesia feita pelos poetas de *Hera* recusa o modismo e as fórmulas fáceis. Eles acreditam na poesia, que, baseada na tradição, consegue responder aos desejos do homem moderno, buscando, assim, melhorar a própria tradição.

Por ter revelado grandes poetas, na história da poesia brasileira do século XX, o grupo *Hera* se tornou um dos mais importantes representantes da literatura baiana. A seguir serão citados três dos mais importantes integrantes desse grupo: o seu idealizador, Antonio Brasileiro, juntamente com Roberval Pereyr e Iderval Miranda.

2.1 ANTONIO BRASILEIRO

Nascido em 15 de junho de 1944, na cidade de Rui Barbosa, na Bahia, Antonio Brasileiro Borges, após concluir os estudos primários, foi para Salvador, onde se formou em Ciências Sociais pela Universidade Federal e, em seguida, na mesma Universidade, fez mestrado em Letras.

Em 1971, mudou-se para a cidade de Feira de Santana, onde passou a ser professor. Nesse mesmo período publica seus primeiros livros de poesia: *Estudos* (1974); *Livromenor* (1975) e *As asas do pássaro fênix* (1975). O escritor não para por aí, pois, na década de 80, publica mais três livros de poesia: *Os três movimentos da sonata* (1980); *A pura mentira* (1984) e *Licornes no quintal* (1989).

Membro da Academia Baiana de Letras desde junho de 2010, eleito por unanimidade para ocupar a cadeira n.º 21, que pertenceu a Jorge Amado e Zélia Gattai. Brasileiro vem publicando desde a década de 60, possui mais de 25 títulos, entre contos, poesias, ensaios e romances.

Na década de 70, Brasileiro criou, em Feira de Santana, um movimento em torno da poesia do qual participaram poetas, escritores e artistas plásticos. O sonho desses jovens era tornar a cidade de Feira de Santana aberta a todas as artes. Mas isso não foi possível, pois, como afirma o poeta, a cidade de Feira de Santana é adversa à impressionabilidade estética. A poesia de Brasileiro fala do mundo e do

homem. O poema *Estudo 165*, publicado na revista de número cinco, em dezembro de 1974, relata um pouco sobre o homem. O poeta dá à ideia de que se pode criar um homem juntando diferentes partes. Ele sugere que um poema é feito de humanidade e que o homem é feito de poesia. Octavio Paz traz, em seu livro *o Arco e a Lira* (2012), uma definição direta do que é poesia:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio todos os conflitos objetivos se resolvem e o homem finalmente toma consciência de ser mais que passagem (PAZ, 2012, p. 21).

A poesia, segundo Paz (2012), está além do bem e do mal, e, mais do que isso, está além das categorias de corpo e alma. Brasileiro (2012, p. 13) afirma que o fenômeno da criação artística ainda é um desafio a ser estudado. Afinal, é o que leva o indivíduo, não todos, mas alguns, a organizar essas coisas delicadas chamadas “obras de arte”. Paz (2012, p. 34), conclui sua definição com a afirmação de que “a poesia não passa de tempo, ritmo perpetuamente criador”.

Brasileiro é um poeta que seduz com suas palavras, seus relatos não são de um mundo que passou, mas sim do presente. Traz à tona o seu olhar satírico sobre a vida contemporânea. O poeta constantemente volta-se para a compreensão da vida e das situações embaraçosas pelas quais o ser humano passa. Um exemplo disso é encontrado no poema *Soneto do Amor Profano*:

Não me consinta o amor tanta alegria,
pois, por não merecê-la, me constrange
o peito (já uma dor, não longe, me
sussurra que este amor sem agonias
não há de consentir em tanta graça),
eis que, perdidamente, já pressinto
– e quanto, e quanto – que em amor, perdidos
todos os lances, não há como obtê-lo
de outro modo que não por sacrifícios
/ e eis que este, pois, gratuita dádiva,

me chega às mãos de um modo tão profano,
que quase certo estou de que, se o tenho,
já não o tenho por justo e dadivoso
mas por amor que é fruto só de engano.

E não me engana um amor quando enganoso.

Esse poema foi publicado na revista de número dezessete, em dezembro de 2002, data muito especial, pois foi quando a revista completou trinta anos. Os membros continuavam presentes e coesos, confiantes e acreditando que “a poesia ainda é possível”. O soneto de amor profano é poema onde se percebe o poeta se colocando no interior, na familiaridade do eu, na busca constante do ser. Seu olhar se foca sempre no outro, mesmo sentindo os problemas do seu período.

A procura de si mesmos leva o sujeito a reconhecer que não se conhece. Conforme a linha de pensamento defendida por Paz (2012), “a linguagem indica, representa; o poema não explica nem representa: apresenta. Não alude à realidade; pretende e, às vezes, o consegue recriá-la. Portanto, a poesia é um penetrar, um estar ou ser na realidade”.

[...] O poema é linguagem em tensão: em extremo de ser e em ser até o extremo. Extremos da palavra e palavras extremas, voltadas para as próprias vísceras, mostrando o reverso da fala: o silêncio e a não significação. Aquém da imagem, está o mundo do idioma, das explicações e da história. Para além, abrem-se as portas do real: significação e não significação se tornam termos equivalentes. Este é o sentido último da imagem: ela mesma (PAZ, 2012, p. 117).

Por conseguinte, as diversas formas de linguagem se comunicam. No entanto, essa comunicação se dá cada uma a seu modo e com sua particularidade. O poeta fala de coisas de seu mundo e suas também. As imagens, mesmo sendo fragmentos recriados, têm, assim como as palavras, uma intencionalidade de comunicar.

2.2 IDERVAL MIRANDA

Iderval Miranda é um dos principais integrantes do Grupo *Hera*, tendo participação importante também na revista *Serial*. Segundo afirma Brasil (1999), as atividades poéticas de Iderval e as publicações dos seus livros foram mais intensas através da revista *Hera*. Publicou vários livros, entre eles *O azul e o nada* (1987), *Taça de Tule* (1974) e *Festa e Funeral* (1982). Sua mais recente obra é o livro *Então*, lançado em junho de 2013.

O poeta nasceu em Feira de Santana, no dia 17 de novembro de 1949. Boa parte dos seus estudos foram feitos na sua cidade natal, tendo se formado em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na qual, mais tarde, passou a ensinar Língua Portuguesa. Ele fez Mestrado em Linguística, na Universidade de Brasília (UNB), na área de Análise de Discurso.

A poesia de Iderval é marcada por um grande sarcasmo em relação ao mundo moderno e tornou-se objeto de estudo de vários estudantes universitários. Um exemplo é a dissertação de Jacimara Vieira dos Santos, defendida em 2006, no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Literatura e Diversidade Cultural, ofertado pela UEFS. Jacimara fez sua pesquisa fazendo uma análise das imagens da solidão na poesia de Iderval Miranda. Sua poesia é um convite para refletir sobre essa atmosfera de tormento e solidão na qual se encontra a vida contemporânea.

Segundo Jacimara Santos (2006, p. 23), o poema *Misantropia II*, publicado na revista *Hera*, vislumbra a solidão enquanto fator positivo, quando Iderval Miranda mostra sua hesitação em relação às posturas sociais. O poeta apresenta uma voz irregular que está dividida em “ser como os outros e o desejo de ser, numa acepção individualista”. Considerado um poeta “minimalista e oswaldeano”, Iderval Miranda possui uma poesia marcada por uma grande ironia em relação ao mundo contemporâneo, onde o poder oprime, a ideologia abstrai e onde, na concepção de mundo do poeta, o homem é atirado na solidão.

O poema *A dor*, publicado na revista *Hera* de número sete, e *Equidade*, são duas produções no qual se nota o cenário de solidão e, ao mesmo tempo, certo abandono no sentido existencial. Primeiro, descreve-se um trecho de *A dor*:

a dor pode ser aguda
como uma agulha sob a unha
ou grave
como um rosto anônimo em wallstreet.³

E, em seguida, do poema *Equidade*:

quando cessarem os gritos
de dentro da noite
não sairei ás ruas felizes
ficarei como fiquei todo o tempo
calado e só

remendando os pedaços de esperança e recolhendo as
lágrimas dos que sentiram o peso da dor

e com elas farei uma triste
bandeira de cor negra
e a hastearei no alvo edifício
da covardia.⁴

O poeta traz a reflexão do seu senso de justiça, que parece ser neutro. Segundo Juliana Nogueira (2010, p. 75), o poeta mostra, no poema *Dor*, sua inquietação e tormento diante da solidão em que vive o homem, na “moderna sociedade capitalista urbana”. Já no segundo poema, *Equidade*, ela afirma que é fortemente “ambíguo”, quando se refere à covardia. A dor como linha de sociedade com o coletivo traz o sentido de “solidão”. A voz do poeta, afirma Juliana, “se dignifica, ao retratar sua função e afirmar sua postura. Mas, ao mesmo tempo, ela se denuncia – ou sugere-se – como covarde” (p. 78). A solidão, fator comum na vida do homem contemporâneo, também é discutida por Octavio Paz em *O arco e a lira*:

Os estados de estranheza e reconhecimento, de repulsa e fascinação, de separação e união com o Outro, são também estados de solidão e comunhão conosco. Aquele que está realmente a sós

³ Poema de Iderval Miranda publicado na Revista Hera n. 07. Feira de Santana: Edições Cordel, 1975.

⁴ Poema de Iderval Miranda publicado na Revista Hera n. 13. Salvador: Edições Cordel, 1980.

consigo mesmo, aquele que se basta em sua própria solidão, não está sozinho. A verdadeira solidão consiste em estar separado do seu ser, em ser dois. Todos nós estamos sozinhos, porque todos somos dois. O estranho, o outro, é o nosso duplo (PAZ, 2012, p. 141).

Para Paz, o outro está constantemente ausente e presente, o que leva o indivíduo a ficar num eterno estado de dúvida, com suas preocupações e abandono, na busca desse outro que é ele mesmo. Na poesia de Iderval Miranda, a solidão aparece nas imagens que ele constrói. Revela, na verdade, muitas vezes, a crise de sentido do homem contemporâneo, que não aguenta o tédio e o isolamento da sociedade moderna, que é fator contribuinte desses dilemas internos. A sensação de aborrecimento, o sentimento de solidão e banalidade da existência, além da própria condição de “deslocado” do poeta levava, muitas vezes, o sujeito poético a acuar e capturar “o esvaziamento do sentido das coisas, o que resulta numa sensação de mistério”, afirma Juliana Nogueira (2010, p. 93).

2.3 ROBERVAL PEREYR

A pergunta quem sou é a que mais me tenho feito ao longo de minha vida, sobretudo em meus poemas.

(Roberval Pereyr)

Nascido na cidade de Antônio Cardoso, em 02 de dezembro de 1953, Pereyr mudou-se para a cidade de Feira de Santana aos 11 anos e lá reside até hoje. Graduando em Letras, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e doutor pela Universidade de Campinas (UNICAMP), São Paulo. É professor de Teoria da Literatura da UEFS.

Vencedor de muitos concursos literários, Pereyr publicou seu primeiro livro de poesia, intitulado *Iniciação ao estudo do um*, em 1973, em parceria com Antônio Brasileiro. O segundo livro, agora individual, *Cantos de Sagitário*, foi publicado em 1976. Roberval Pereyr é um dos mais importantes poetas do grupo *Hera*, com mais dez obras publicadas. É reconhecido também como um dos poetas brasileiros mais

importantes. Sua poesia é marcada por uma constante busca de si e de sua alteridade.

Professor de Teoria da Literatura da Universidade Estadual de Feira de Santana, o poeta sempre acompanhou os movimentos culturais de sua cidade, principalmente os que envolviam a literatura. Um exemplo de como as obras do poeta são importantes e se tornaram fontes de estudos e pesquisas está na busca constante dos universitários e também de outros escritores que pesquisam sobre seus livros. A obra do escritor foi tema, em 2004, da dissertação *O homem e seus duplos: a reflexividade do sujeito na poesia de Roberval Pereyr*, apresentada pelo pesquisador e também professor e poeta Idmar Boaventura, ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Literatura e Diversidade Cultural, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Nildecy de Miranda Bastos, que, também em seu curso de Pós Graduação em Letras e Linguística, cursado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Instituto de Letras, defendeu o tema *Roberval Pereyr em suas faces e interfaces*.

Segundo Jecilma Lima (2007), a poesia de Roberval Pereyr é densa e alia preocupação a um extremo rigor com o conteúdo, além de possuir, no ritmo, um elemento importantíssimo para caracterizar a sua produção. É, entre os membros do grupo, um dos mais cientes dos aspectos formais essenciais à poesia. O ritmo o qual Jecilma fala pode ser notado em seu poema *Galope*:

Meus pensamentos são meus camelos
Meus pensamentos são meus cavalos

(com uns cavalgo para o silêncio
com outros marcho para a saudade).

Meus pensamentos são meus cavalos
Meus pensamentos são meus camelos

(sou sertanejo, nasci nos matos,
ando a cavalo para mim mesmo).

Meus sentimentos são meus desejos
em que me vejo perdido, e calo.

Meus pensamentos são meus camelos
Meus pensamentos são meus cavalos.⁵

⁵ PEREYR, Roberval. Galope. Revista Hera n.14. Salvador: Edições Cordel, 1982.

Nesse poema, o poeta faz um agrupamento de ritmo marcado. Seus versos encantam ao seu leitor, conduzindo qualquer um que leia a fazer uma viagem no ritmo dos pensamentos, quando, de forma calma, leva, pelos seus versos, à busca de algo que passou ou que se deseja. Ao mesmo tempo, promove profunda tentação em busca da compreensão de entender o que o poeta sente ou busca nessas palavras mágicas que seduzem e encantam.

Boaventura (2011, p. 97), afirma que a poesia de Roberval assume o fragmentarismo, tanto na forma, como na dissonância das imagens e do ritmo. E é a partir daí que ele desafia a razão, apelando para estratos mais profundos da consciência. Segundo ele, isso explica as inúmeras referências que Roberval faz ao “sonho, ao inconsciente, e suas investidas contra o ego”. Ao falar em consciência, pode-se compreender, em seu poema *Amálgama*, essa busca de entendimento do porque se pratica a mentira.

Na opinião de Nildecy Bastos (2009, p. 32), Roberval Pereyr traz uma obra poética “gestada a partir de um centro comum: a busca de autoconhecimento, refletida na procura de suas múltiplas faces”. Renitente com a restrição imposta pelos sentidos do corpo, sua poesia “expressa a dor de se sentir desgarrado”.

O passado está proposto em muitos poemas do escritor, que “alude a sonoridades mágicas e evoca tempos remanescentes na memória” (BASTOS, 2009, p. 32). Em busca insistente do próprio eu, Roberval Pereyr acrescenta um universo de “mitos e de arquétipos”. Ao tomar consciência de sua solidão, procura romper com o ensejo de seu aprisionamento. A esse respeito, Octavio Paz (2012, p. 141) faz a seguinte afirmação:

[...] O outro está sempre ausente. Ausente e presente. Há um vazio, uma fossa aos nossos pés. O homem vive descontrolado, angustiado, procurando esse outro que é ele mesmo. E nada pode trazê-lo a si, exceto o salto-mortal: o amor, a imagem, a aparição.

Segundo tal argumentação Paz (p. 141), afirma que na frente da ‘aparição’, os sujeitos ficam confusos entre seguir e recuar. O amor, na opinião dele, “suspende”, “arranca” de si mesmo e atira no “estranho” por “excelência”. “Outro corpo, outros olhos, outro ser”. A poesia de Roberval é voltada para o “eu”: quem

sou e o que espero ser. Essa busca pode ser identificada em muitos dos seus poemas.

Com a tarefa de informar e divulgar os “novos valores”, a revista *Hera* surge no cenário da poesia baiana pela primeira vez, em 1973. A revista foi arquitetada por Antonio Brasileiro, juntamente com os jovens poetas de Feira de Santana Roberval Pereyr, Washington Queiroz, Wilson Pereira de Jesus e Iderval Miranda. Esse grupo foi o criador dos três primeiros números da revista, que era somente de contos. Porém, as publicações seguintes seriam apenas de poesias, e assim seria até o último número.

Financiada, na maioria das vezes, pelos próprios escritores, *Hera* foi ganhando seguidores, fazendo com que o grupo crescesse. Na revista de número nove, o grupo publica um texto, no qual critica a sociedade de Feira de Santana por se manter presa ao modelo de poesia clássica, não aceitando as ideias modernistas. No entanto, para publicar na *Hera*, segundo os seus membros, o poeta tinha que estar intimamente antenado aos valores da contemporaneidade.

Em nossa cidade- que, diga-se de passagem, não pode se gabar de um elevado nível cultural – há quem pense que a verdadeira poesia é aquela que rima ao fim dos versos, ou que tem ritmos predeterminados, ou que fale de certos assuntos (um tanto açucarados) ou que não use certas palavras tidas como impróprias.⁶

Lidar com a não aceitação ou preconceito da sociedade, em partes, não foi fácil, pois a cidade ainda não estava acostumada com as novas ideias modernistas defendidas pelos poetas, que buscavam sempre acompanhar as tendências contemporâneas.

A publicação do “Manifesto do grupo *Hera*” marca a revista número quinze. O grupo se sente no dever de explicar ao público como ele fazia poesia e como a vê. Outro destaque do número quinze é a inclusão da primeira mulher no grupo, que até então só era composto por homens. A poeta Juraciara Lima não era colaboradora, mas, assim como os demais, era membro do grupo.

⁶Revista Hera n. 09. Feira de Santana: Edições Cordel, 1977.

Hera provou que a literatura marginal tem qualidade e merece seu reconhecimento e espaço. Tanto a revista como o grupo deixa sua marca no cenário da moderna literatura baiana. Com seu fazer poético próprio da região, eles não negam sua origem, ao contrário, provam que o interior baiano também tem poetas de qualidade e produz poesia de qualidade sem imitações.

Esses poetas deixam transparecer em suas obras a relação deles com a modernidade, com a tradição literária e também com a própria poesia de seu tempo. Foram quarenta anos de luta buscando, através de suas palavras, conter a desordem do novo mundo, agitado e turbulento. O mais importante é perceber que no interior da Bahia, na cidade de Feira de Santana, existiu um grupo e uma revista chamada *Hera*, que, durante décadas, buscou, a todo custo, não deixar morrer o desejo de produzir poesia. Para eles, o importante não era o formalismo, mas sim a forma. A qualidade dessa revista é admirada por muitos estudiosos.

Em 2012, a revista comemorou 40 anos. E para registrar o fato, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), juntamente com a Fundação Pedro Calmon, publicaram uma edição “facsimilar”, na qual foram reunidos os vinte números da revista *Hera*, caracterizando-se como, mais do que uma homenagem, o reconhecimento merecido ao grupo, pois a revista se tornou uma das mais importantes publicações literárias não só da Bahia, mas do país, marcando, com bastante profissionalismo, a história da literatura brasileira.

3 A LÍRICA MODERNISTA

Depois da Revolução Francesa, surge uma sociedade burguesa, e, com ela, o individualismo. O poeta romântico passa a atribuir à poesia a expressão do “eu” mergulhado na subjetividade e é somente com Baudelaire que a poesia se associa à inteligência, abrindo espaço para o surgimento da estética do grotesco. A poesia moderna amplia as possibilidades criativas e, mais do que isso, ganhou consciência crítica, através do sujeito lírico que altera as normas, os temas antigos e as velhas ideologias. Conforme Pereyr (2000, p. 53):

A poesia opera certas rupturas que implicam não apenas no alargamento do seu campo de abrangência, como, em igual proporção, no redimensionamento da noção de sujeito poético. Quando isso ocorre, o eu empírico – considerado como apenas mais uma das dimensões da personalidade total – deixa de ser um ponto de referência, no sentido de conferir ao texto poético o caráter de autenticidade.

Vista por muitos como uma linguagem “diferente”, a poesia lírica modernista surge em oposição ao padrão “clássico” de linguagem. Enquanto o modelo clássico defendia “valores como clareza e coerência”, a nova lírica usava uma linguagem “cujo centro de articulação é o ritmo (impulso primário, visão da origem)” (PEREYR 2000, p. 95). Dessa forma, ela “acabava por conferir sentido ao caos, estabelecendo o fragmento como tendência”, rompendo com “os modelos de homem e de mundo” da poesia anterior.

Considerada como um “agente poderoso de ruptura”, a poesia é uma forma de manifestação que, durante séculos, foi dominada pelo logocentrismo. Contudo, impõe sua independência como forma distinta de linguagem e de conhecimento. Pereyr (2000, p. 45), afirma que, de todas as diversas formas de manifestação poética existentes, a lírica foi a que mais se afastou do discurso objetivo, levando-a a ser denominada “linguagem diferente”. Sobre o modernismo, Pereyr (2000, p. 45), discorre o seguinte:

[...] a modernidade, paradoxalmente, é o momento que, de forma ampla e radical, oportuniza a emancipação da poesia lírica. O espírito crítico sob o peso de situações histórico - culturais específicas - expande enormemente seus domínios, o que se dá por um processo de descentralização do logos.

Para esse poeta, o modernismo vai, de certa forma, ser o momento no qual a lírica esperava para evoluir e se libertar. Toda autonomia alcançada pela lírica modernista acarretou num processo de ruptura. Essa ruptura vai da “desarticulação dos modelos de mundo e de homem constituídas no Ocidente ao longo dos séculos”, o que levou a criação de uma nova linguagem, nova forma e novo conteúdo.

A posição primordial a qual vivia o poeta moderno era na “solidão”. A busca pelo isolamento do mundo, da realidade e de si mesmo, era comum na obra desses autores já citados. Como afirma Friedrich, esse processo de isolamento aparece tantas vezes em diferentes poetas que acaba por se caracterizar como uma “tendência” da poesia modernista. Essa nova poesia tem um fim nela mesmo, sua criação é autossuficiente.

3.1 A CRISE DA POESIA NO MUNDO MODERNO

O mundo não pode viver sem poesia. Não existiria.
(Antonio Brasileiro)

A crise do modernismo teve mais impacto na poesia do que em qualquer outro gênero, isso porque, mais do que qualquer outro, ela vivenciou as transformações que ocorreram naquele período. Os primeiros traços de crise da modernidade, como afirma Boaventura (2011), tornaram-se notáveis na poesia de Baudelaire, que traz à tona a imagem do sujeito louco, “exilado na metrópole anônima e impessoal”. Essa condição que Baudelaire define como exilado não é só em relação à imagem do poeta, mas também ao modo de ser do homem moderno, a qual é contemplada em sua poesia.

A literatura moderna surgiu na cidade e teve como destaque o poeta Baudelaire, que descobriu que “as multidões significam solidão”. Ele não era um modernista, mas foi o primeiro a aceitar o lugar “desclassificado”, o qual foi designado ao poeta, que antes era “o celebrador da cultura” (BRADBURY; MCFARLANE, 1999, p. 255). Baudelaire aceitou a miséria na qual vivia o cenário urbano, mas mesmo assim não era um modernista. A respeito disso, Fonseca (2000) discorre que “o poeta moderno está consciente de seu isolamento ideológico e da luta cultural que deve travar contra os poderes do mundo, como forma de participar dele de forma significativa” (p. 49). Essa constatação também foi observada por Baudelaire, conforme se vê abaixo, em um trecho do seu poema *Perda de auréola*:

Ainda há pouco, ao atravessar uma avenida, muito apressado, escorreguei na lama, esse caos movediço onde a morte aparece de todos os lados. Minha auréola, num movimento brusco, saiu-me da cabeça e foi parar no barro do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Achei menos desagradável perder minhas insígnias do que quebrar os ossos. Afinal de contas, pensei, há males que são para o bem. Posso, agora, andar incógnito, praticar atos baixos e cair na devassidão, como os simples mortais. E eis-me aqui, igual a você,, como está vendo! [...] Além disso, ando farto de dignidade. E depois, acho que não faltará um poeta para apanhá-la e cobrir-se com ela. Fazer alguém feliz, que prazer! Sobretudo um feliz que me fará rir! (BAUDELAIRE, 1821-1867, p. 52).

Neste texto, o poeta perde sua auréola ao atravessar uma grande rua. Dessa forma, perde sua santidade. Lá, o poeta percebe que ali é que deve estar sua pessoa e sua inspiração. A arte deixa de ser sagrada, para se voltar para o povo, o grande projeto do artista moderno, segundo Baudelaire. Pode-se dizer então que, atirado à “lama do macadame”, simbolicamente, o poeta perde totalmente a sua “auréola” e passa a uma situação de *deslocamento*, que, segundo Fonseca (2000, p. 50), “paradoxalmente é a condição *sinequa non de sua modernidade*”. O poeta perde seu halo no mesmo lugar do olhar dos pobres, no bulevar. O poeta se tornou mercadoria e, ao mesmo tempo, se torna o mensageiro da nova forma de cidade. Baudelaire se mistura aos pobres e às prostitutas, para representar a massa abandonada.

A industrialização, a moda e a televisão roubaram do homem a sua história. A arte de contar ou narrar, em decorrência do desenvolvimento do capitalismo e da técnica, esfacelou-se. A sensação da modernidade é a de solidão. Com isso, a poesia moderna viveu tempos ruins, o período não foi muito bom para o artista, pois a cultura em geral não oferecia nenhum ponto de apoio. Dessa forma, o poeta se sentia sozinho com suas criações. Esses fatores acabaram, de certa forma, influenciando o poeta a se calar e até se isolar. Seguindo essa linha, Paz (2012, p. 52) afirma que:

A solidão do poeta mostra a decadência social. A criação, sempre à mesma altura, revela a baixa de nível histórico. Daí que às vezes nos pareçam mais elevados os poetas difíceis. Trata-se de um erro de perspectiva. Eles não são mais elevados: simplesmente, o mundo à sua volta é que é mais baixo.

A afirmação de Paz mostra que o silêncio do poeta é causado pela sociedade. O mesmo diz que, “condenado a viver no subsolo da história, a solidão define o poeta moderno” (2012, p. 248). No entanto, isso ocorre porque, no mundo moderno, o poeta sentia uma forte impressão de abandono, ele não é “ninguém”. E é nesse dissabor que surgem os grandes movimentos da poesia, para denunciar determinados tipos de valores pregados pela nova sociedade.

Durante muito tempo, a poesia teve seu lugar de destaque na vida coletiva dos homens. No entanto, desde o início do mundo moderno, nota-se uma mudança em sua posição. Isto impõe discutir o papel do poeta. Porém, o que ocorreu, de fato, pela primeira vez, foi um distanciamento em relação ao seu papel com o público. Com relação a essa afirmativa, Paz (2012, p. 48) afirma que:

Muitos poetas contemporâneos, querendo superar a barreira de vazio que encontraram no mundo moderno, tentaram recuperar o público perdido: ir ao povo. Só que não há mais povo: há massas organizadas. Portanto, “ir ao povo” significa ocupar um lugar entre os “organizadores” das massas. O poeta se torna funcionário.

A reflexão que Paz leva a fazer é que muitos poetas, com o desejo de derrubar a barreira do vazio causado pelo mundo moderno, tentaram buscar o público perdido e “ir ao povo”. No entanto, já não existe povo. Dessa forma, “ir ao povo” significa ocupar um lugar entre os “organizadores” das massas. O poeta se transforma em funcionário. Não deixa de ser espantosa essa troca. O poeta já tem um “lugar” na sociedade. E a poesia, tem?

A aristocracia foi substituída por uma classe mecanicista urbana e democrática. Essa mudança de ordem é responsável pelo caos em que vivia a linguagem, pois ignoravam as partes fluidas da personalidade, tais como os sentimentos, o espírito e a imaginação. Para alguns poetas, como Eliot e Yeats, a racionalidade, a previsibilidade e o utilitarismo tiram da linguagem “seu centro intensificador”.

O que se nota é que a crise da linguagem não é completamente moderna. Alguns fatores, como o exílio, a guerra e a revolução, já haviam influenciado a crise e o fim da carreira de muitos artistas. Muitos tiveram suas carreiras interrompidas, antes mesmo de alcançar seus objetivos. Exemplo disso é Rimbaud, que bem jovem, com menos de vinte anos, conseguiu recriar a poesia francesa. Contudo, depois disso, nunca mais quis saber de poesia. O motivo é que suas esperanças se tornaram uma grande ilusão.

Para o escritor e poeta Roberval Pereyr (2012, p. 37), a situação da poesia na modernidade é paradoxal. Ele afirma que “paixão e desconfiança, fascinação e repúdio são termos que, aos pares, indicam a complexa convivência de forças antagônicas na produção lírica do nosso tempo”.

Segundo Paz (2012, p. 249), o poeta moderno não tem espaço na sociedade, pois o mesmo verdadeiramente “não é ninguém”. A poesia, “não existe para a burguesia nem para as massas contemporâneas”. Isso porque ela não vale nada, “não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil”, e a sociedade moderna só dá valor ao que dá circulação comercial (dinheiro), se não tem um valor, não existe.

Pereyr (2012, p. 40), afirma que a lírica moderna foi submetida a um clima de “anormalidade”. E que uma das funções básicas da arte é: “contrair as doenças do seu tempo para poder com isto, superá-las”. A literatura não está alheia às doenças do seu tempo, ao contrário, as incorpora, para criar o seu próprio antídoto. Pereyr cita que, se tivesse que idealizar uma forma para o *eu poético* na lírica

moderna, escolheria talvez a imagem de uma esfera, “mas de uma esfera viva, sujeita, inclusive, a alterações em sua própria forma”.

3.2 O POETA NA METRÓPOLE

Na sociedade ideal dos homens práticos, a figura do poeta é deslocada para uma zona de silêncio, ou seja, parece não ter lugar ou cabimento (FONSECA, 2000, p. 45).

O poeta, no século XXI, para haver mais clareza, é visto como um ser deslocado em seu tempo. Isso leva a se fazer uma reflexão inicial acerca da condição do ser poeta no meio social. Muitos são os textos que apontam a dificuldade de se viver de poesia na contemporaneidade. Para tentar compreender o espaço que o poeta ocupa atualmente, Aleilton Fonseca (2000), propõe uma análise histórica da sua posição no meio social, inicialmente tratada a partir da relação de pertença e não pertença deste sujeito poético ao longo do tempo. Utiliza-se, aqui, do termo deslocamento para caracterizar a situação do poeta/escritor na metrópole, com base na afirmativa de Aleilton Fonseca, que a esse propósito assegura:

Nenhuma palavra define melhor a condição do poeta no mundo moderno ocidental como essa, deslocamento. O poeta é o deslocado, aquele que está fora de lugar, desarticulado, o seu ofício parece fora de propósito, num mundo organizado em torno da produção e do consumo de mercadorias (FONSECA, 2000, p. 45).

Aleilton Fonseca mostra o poeta de duas formas: como colaborador da cultura que se estabelece e como forma de destoamento da estrutura produtiva. Não há lugar, portanto, para o escritor-poeta na terra dos homens, que tem em suas rotinas os elementos mercadológicos da produção de bens materiais visando o lucro e o acúmulo de capital. Nesse sentido, Fonseca (2000), cita três momentos que auxiliam a entender o lugar ocupado pelo poeta na modernidade: o primeiro momento, representado a partir da posição de Platão, traz a ideia de que os poetas

recriavam o meio social com ideias distantes da realidade concreta, logo, teriam menos a contribuir para o avanço dos homens e, por isso, deveriam ser expulsos das decisões sociais, como ele mesmo afirma:

E assim teremos desde já razão para não o recebermos numa cidade que vai ser bem governada, porque desperta aquela parte da alma e a sustenta, e, fortalecendo-a, enfraquece a razão, tal como acontece num Estado, quando alguém torna poderosos os malvados e lhes entrega a soberania, ao passo que destruiu os melhores. Da mesma maneira, afirmaremos que também o poeta imitador instaura na alma de cada indivíduo um mau governo, lisonjeando a parte irracional (PLATÃO 2000, p. 304).

Ao elaborar simbolicamente a sua cidade ideal, Platão estabelece as regras que a fariam ideal e totalmente justa. A poesia se configura, então, como a forma equivocada da educação daquela época e, por isso, é necessário que ela seja excluída, para dar lugar a uma nova forma de educação. Assim, Platão advoga acerca da expulsão das produções poéticas, não simplesmente porque elas expressam coisas distantes da verdade, mas, principalmente, porque a poesia que ele conhece tem a pretensão de estabelecer os critérios morais e pedagógicos dos gregos antigos. Segundo Fonseca (2000), devido a isso, a reflexão filosófica de Platão põe o poeta à margem da sociedade ideal e também à margem das coisas sérias da cidade.

A valorização do discurso filosófico sobrepõe-se ao poético como modo de se compreender o mundo, sendo a filosofia tida como uma forma mais coerente de perceber a pólis e fazer as melhores escolhas. Aristóteles, por sua vez, se contrapõe ao modelo apresentado por Platão ao recriar o espaço do poeta, justificando o seu discurso como uma possibilidade de como poderia ser representada a realidade, através dos conceitos de verossimilhança e catarse. O filósofo atribui um espaço ao poeta e a seu discurso, estabelecendo uma relação de pertença para ele.

Numa sociedade moderna, em que a produção de bens materiais se sobrepõe sobre as demais relações, o poeta encontra-se novamente fora do espaço produtivo, uma vez que a matéria produzida, a poesia, não adquire valor de mercado. Nesse sentido, não há uma expulsão, como a que fizeram com os filósofos iniciais, mas um deslocamento do sujeito poético, que se encontra desgarrado do

modo de viver social, no qual seu ofício encontra-se desarticulado do modo de produção, apesar da reflexão que o poeta estabelece sobre esta realidade. É com o advento da modernidade, então, que se desenha a posição atual do poeta na sociedade. Sobre esse deslocamento, no qual o poeta é visto como um sujeito que está fora do seu lugar Fonseca (2000, p. 50) afirma que:

De fato, esse estar “à margem” converte-se em lugar e ponto de vista de participação, onde se situa o olhar de combate e de resistência ao domínio do mundo pela lógica da ordem burguesa. A posição do poeta torna-se deveras ambígua: *deslocamento* como forma de participação, *não-locus* como lugar simbólico de inserção significativa e dissidente.

Essa situação, na opinião de Fonseca (2000) provoca, de certa forma, um conflito de identidade, tanto para o poeta como para a poesia. O efeito de solidão acometido ao poeta fez com que ele rompesse com a própria forma de fazer poesia. A propósito disso, Fonseca faz uma observação: “em seu novo espaço de criação, o poeta é uma voz solitária, atrapalhado no meio da multidão apressada, surda e anônima” (FONSECA, 2000, p. 51). Dessa forma, a cidade se mostra como um espaço estranho. O mundo externo, por sua vez, está dominado pelo capitalismo e pelo consumismo, levando à coisificação do mundo, onde as pessoas são valoradas pela lógica do mercado, enquanto potencial produtivo e consumidor. Tudo isso, leva à perda dos valores humanistas, antes vistos como fundamentais. Assim, nessa sociedade de alto consumo, ele se isola, torna-se um indivíduo solitário.

4 DA INUTILIDADE DA POESIA: LITERATURA, MERCADO E EXCLUSÃO

Ao questionar, em seu ensaio *Da inutilidade da poesia* (2002), sobre o que está acontecendo com a poética, Antonio Brasileiro provoca os leitores e estudiosos da poesia a refletir sobre a real situação dessa arte numa sociedade capitalista, consumista e individualista, onde o vazio e a solidão reinam. Entretanto, o que se observa é que esse descompasso não é de hoje, pelo contrário, esses fatores já haviam sido investigados e detectados por grandes poetas, como Charles Baudelaire. Brasileiro, no entanto, afirma que com a poesia não está acontecendo nada, não se deve buscar o erro nela, mas sim no homem, esse sim “é que está doente” (BRASILEIRO, 2002, p. 11).

O caos, a desumanização, o tédio, o vazio e a fragmentação são fatores marcantes da sociedade moderna, mas também são elementos presentes em algumas obras do poeta Charles Baudelaire. A cidade e suas inúmeras ruas, com lojas comerciais, as multidões apressadas, com pessoas que se encontram e se desencontram todo dia, tornaram-se protagonistas de sua obra. Baudelaire, de certa forma, traz a representação de alguns fatores que são visíveis nesse novo mundo, tais como a diferença entre o homem e a multidão, o novo e o velho. Por todos esses fatores, muitos o consideram o poeta das cidades e da modernidade, pois o mesmo vivenciou o progresso na França do século XIX e foi um revolucionário para o seu tempo.

Segundo Fonseca (2000), nessa nova forma de organização da vida coletiva, cada indivíduo, passa a ser uma mera peça numerada e anônima da engrenagem econômica, valorada de acordo com a lógica do mercado, enquanto potencial produtivo e consumidor. O relógio marca apressadamente as horas, a multidão corre em ritmo frenético, homens e mulheres anônimos cruzam-se e correm em direção ao seu trabalho. A maquinaria os aguarda, necessitando de óleo para que a produção cresça sem parar. O óleo é, na verdade, essa massa triste, que vende sua força de trabalho, que recebe um salário miserável e que volta alegre para casa.

Em decorrência da popularização, a multidão vive o instante, o imediato, como se a vida fosse um *flash* passageiro, havendo, com isso, um enfraquecimento da experiência com o passado. O que vale é o presente, o passado é esmagado pelo capitalismo, pelo progresso e pela tecnologia.

Nesse admirável mundo novo, o indivíduo acostumou-se à solidão, ao isolamento. Não há intimidade, nem sentimentos. As pessoas estão fragmentadas, incompletas, desestruturadas e veem no ter, ou melhor, no possuir as coisas como uma maneira de suprir essa carência. O capital, o poder, o consumo e a competição geram uma sociedade nada inclinada à cooperação e à solidariedade. Dessa forma, a nova e moderna sociedade apresenta situações diárias de fome, falta de teto e de emprego. É na desumanização do homem que se apoia a aniquilação ou a morte de uma comunidade, uma cultura ou civilização, tanto no passado, quanto nos dias atuais. É fácil perceber o desrespeito aos Direitos Humanos. Contudo, deve-se estar vigilante, pois é raro a sociedade conseguir enxergar as mazelas do seu próprio tempo.

Segundo Bauman (2001, p. 08), em *Modernidade Líquida*, na modernidade, tudo é líquido, fluido, volátil. A modernidade é como os líquidos que “‘fluem’, ‘escorregam’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’”. Os sólidos estão condenados a ser dissolvidos em um cadinho, de modo a virar fluidos, porque aqueles representam os elos de entrelaçamento entre as aspirações individuais e os interesses coletivos. O autor acredita que a História da modernidade está ligada à fluidez ou liquidez, porque tudo foi criado de modo instantâneo; e, por ser instantâneo, tudo pode estar condenado a desaparecer em poucos segundos, bastando, por exemplo, haver a explosão de uma bomba atômica.

Fatores como a industrialização, a moda e a televisão roubaram do homem a sua história e o lançou numa multidão amorfa de passantes. A arte de contar ou narrar, em decorrência do desenvolvimento do capitalismo e da técnica, esfacelou-se. A sensação da modernidade é a de solidão. Sobre esse fato, Fonseca (2000, p. 52) afirma que:

A condição de estar solitário no meio de uma multidão de pessoas desconhecidas e alheias é uma imagem que resulta não de um juízo

objetivo, mas de um ponto de vista do poeta ao traduzir poeticamente a experiência e o sentimento de seu “estar no mundo” moderno.

Com efeito, os poetas não aceitam os limites de seu *deslocamento*. O que ele faz, na verdade, é buscar recuperar um lugar relevante para a poesia, procurando, assim, esboçar uma nova forma expressiva de pertença nesse mundo governado pela lógica do mercado. Segundo Paz (2012), o poeta moderno não fala a linguagem da sociedade, nem comunga com os valores da atual civilização. Para ele, a poesia do seu tempo não pode fugir da solidão e da rebelião, exceto através de uma mudança da sociedade e do próprio homem. Ideologicamente isolado, de acordo com Fonseca (2000, p. 53), o poeta não aceita os limites de seu deslocamento, e busca formas de sobrevivência. Dessa forma, “alijado dessa movimentação, restaria ao poeta louvar, criticar ou lamentar as rápidas transformações e a nova configuração do contexto cultural e dos espaços de viver”. Para isso, ele depende, ora criticando, ora apaixonado criticamente, da engrenagem excludente da sociedade moderna industrial.

4.1 DA UTILIDADE À INUTILIDADE DA POESIA

Antonio Brasileiro, em seu ensaio *Da inutilidade da poesia* (2002), ironicamente questiona sobre a inutilidade da poesia, pois, vive-se numa sociedade onde as pessoas não leem poesia, não dialogam. Ele faz uma provocação, levando o leitor a questionar: o que é poesia? Para que serve? Durante muito tempo, na antiguidade, a poesia era de suma importância, pois era responsável pela educação, sendo que, inclusive, os manuais didáticos eram poéticos. Hoje, ela perdeu, sobremaneira, o seu valor. Dessa forma, ironicamente ele traz, em sua obra, uma representação da real situação do poeta e da poesia na modernidade e, por isso, pergunta: “para que servem mesmo os poetas e a poesia num tempo infenso a eles?” (BRASILEIRO, 2002, p. 14).

Ao responder tais questões, Brasileiro informa que nenhuma pergunta deve ser encarada muito rigorosamente. Em sua opinião, alicerçada em Heidegger, ele

afirma: “O poeta é o poeta das palavras, a linguagem maior é a das palavras. Se elas cumprem seu recado ou não, é também só através delas que podemos saber. Ou não saber” (BRASILEIRO, 2002, p. 149). Dessa forma, esclarece sobre seu alerta e, ao mesmo tempo, ironiza ao falar da inutilidade na poesia, como se pode perceber abaixo:

A inutilidade que vemos no fazer poético – *leitmotiv* da nossa tese – é a do próprio homem. Inúteis, parece, somos nós todos. Entretanto, não estamos sendo de modo algum gratuitos. O fato é que se trata de “realidades” que, aceitamos ou não, nos foram impostas, e a que nos coube foi a da linguagem: o que as palavras dizem sobre, apenas “dizem” (BRASILEIRO, 2002, p. 14).

Antonio Brasileiro, no fundo, não acredita, certamente, numa força maior da poesia nos tempos atuais. Quando ele fala da “inutilidade” na poesia, se refere a esse sentido corriqueiro empregado pela sociedade. No entanto, o título do seu livro é muito provocante, o que é um bom sinal. Um livro, ou melhor, como ele mesmo diz, uma carta dirigida aos poetas e aos leitores de poesia, para sugerir-lhes uma tomada de posição.

Brasileiro (2002, p. 144) afirma que nenhum poeta oferece perigo. Pelo menos quando suas armas são só as palavras. Em sua opinião, “só Platão temeu mais seriamente que os poetas fossem perigosos, mas bem sabemos que em Platão o que houve foi um pouco o ato amorosíssimo: o filósofo adorava a poesia”.

O poeta, na antiguidade, era visto como o eleito dos deuses, um porta-voz, tinha seu lugar de destaque e sua inspiração era vista como uma inspiração divina. Segundo Brasileiro (2002, p. 19), na opinião de Platão, “nenhum ser humano era capaz de criar uma obra poética, a não ser quando inspirado por um deus”. Ou seja, para Platão, os poemas não eram obras criadas pelo homem, mas pelos deuses.

O fenômeno da criação artística é vista ainda como um desafio. Afinal, como diz Brasileiro (2002, p. 13), o “que leva o homem – a rigor, não o homem, mas uns poucos – a elaborar essas coisas tão distintas chamadas obras de arte? E como o faz?” Muitos não viam esse processo de criação como algo normal, duvidavam da veracidade sobre alguém escrever um livro, somente mesmo alguém eleito pelos deuses. Claro, por ser algo tão extraordinário e incrível. Apesar de sua situação

atual de deslocados, os poetas, em outros tempos, como no período do romantismo, recebiam grandes elogios, sendo considerados como homens diferentes de todas as demais classes de homens, ou seja, eles eram vistos como deuses, em um grau mais elevado do que se supõe normalmente. Já nos tempos atuais, em relação a essa concepção, Brasileiro (2002, p. 38) cita que:

O espírito democrático que paira em nossa época teme distinções desse teor, o que torna o convívio humano por vezes excessivamente enfadonho. Para driblar tais limitações, poetas de gênio são levados a “representar” o papel de poetas, uma vez que a sua sociedade já não tem necessidades deles como realmente são – ou como desejam ser tomados. Já como atores, a fingir a dor que deveras sentem, o caráter de mero jogo atribuído às suas palavras fazem com que os perigos da real desigualdade pareçam contornados.

Como assinala Fonseca (2000), desde os gregos, a definição do lugar do poeta na cidade provoca polêmica. Para ele, na modernidade, o lugar do poeta é um lugar desclassificado, é um não lugar, ele perdeu seu lugar, hoje não se vive de poesia, não se vende. Os artistas que antes viviam de sua obra não vivem mais. Atualmente, se vive numa sociedade onde se compra aquilo que têm utilidade: roupas, sapatos, comidas, eletrodomésticos, entre outros. Entretanto, não se compra livros de poesias, ninguém quer comprar um livro de literatura, porque não tem utilidade.

Numa posição de resistência, o poeta recusa o convívio poético com o mundo urbano. Segundo Fonseca (2002), até no período do romantismo acreditava-se na superioridade dos poetas e na grandeza da sua inspiração, o poeta tinha que ficar isolado, longe das ruas:

Enquanto isso, os simbolistas encerraram-se num processo de criação poética salvo das vicissitudes mundanas, a chamada torre de marfim (castelo de Axel, na metáfora de Edmund Wilson), refúgio espiritual onde se protegeram do turbilhão crescente das ruas, entoando seu canto lírico a salvo das “comunicações” do cotidiano *não-poético* (FONSECA, 2000, p. 48).

Nesse momento, o poeta vê o mundo externo como uma ameaça à arte. Não existia mais lugar para uma poesia romântica e nobre nesse cenário de progresso e mudanças. Segundo afirma Brasileiro (2002), no romantismo, a relação homem e universo enfrentou profundas instabilidades. Nesse período, eram comuns palavras como inquietude, evasão, orgulho, revolta, sonho, que, de algum modo, traduziam o “dilaceramento” do homem sensível que é o poeta.

Em um período de produtividade, de compra e venda de mercadorias, numa sociedade utilitária, o poeta vê-se fora desse contexto e sente-se fora do mundo, ou, como simbolicamente diz Baudelaire, atirado à “lama do macadame”. A desaturação da obra de arte pode ser ilustrada a partir de um poema em prosa de Baudelaire, intitulado *Perda de Auréola*:

— Olá! Você por aqui, meu caro! Num lugar mal frequentado! Você, o bebedor de quintessências! Você, o comedor de ambrosia! Palavra que me surpreende!

— Meu caro, você conhece o meu pavor dos cavalos e dos veículos. Ainda há pouco, ao atravessar a avenida, muito apressado, escorreguei na lama, esse caos movediço onde a morte aparece de todos os lados. Minha auréola, num movimento brusco, saiu-me da cabeça e foi parar no barro do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Achei menos desagradável perder minhas insígnias do que quebrar os ossos. Afinal de contas, pensei, há males que são para bem. Posso, agora, andar incógnito, praticar atos baixos e cair na devassidão, como os simples mortais. E eis-me aqui, igual a você, como está vendo!

— Mas deveria ao menos anunciar a perda da auréola, ou fazê-la reclamar pelo comissário.

— Isso não! Estou bem aqui. Só você me reconhece. Além disso, ando farto de dignidade. E depois acho que não faltará um poeta para apanhá-la e cobrir-se com ela. Fazer alguém feliz, que prazer! Sobretudo um feliz que me fará rir! Pense no X ou no Z! Hein? Vai ser um gozo! (BAUDELAIRE, 1937, p. 52).

Charles Baudelaire usava constantemente o recurso da comparação em seus textos. “A Perda da auréola” remete à perda da inocência e apresenta o diálogo entre um poeta e um homem simples, em um lugar de má reputação. A primeira manifestação do homem comum diz respeito ao lugar onde eles se encontram, lugar este visto como inadequado a um “degustador de ambrosia e de quintessências”; ou seja, o poeta era igualado a um Deus. Apesar de estar sem sua “auréola”, ou seja,

sem seu diferencial, sem o brilho que apenas os deuses, heróis ou poetas possuíam, o poeta é reconhecido pelo homem comum, que não consegue entender a sua alegria em meio, ao perder sua auréola.

Para enfrentar os desafios da modernidade, alguns poetas partem das trilhas de Baudelaire, que, ao perder sua auréola, torna-se um observador em trânsito, que procura a sua poesia nas ruas. Assim, a perda da “auréola” passa a ser, na verdade, um ganho. Baudelaire diz que o poeta perdeu sua “auréola” e se tornou um homem comum. O poeta tem que ir para a multidão e se integrar na vida moderna para poder criar.

Ao olhar as multidões dos grandes centros urbanos, o poeta moderno percebe que precisa traduzir o que vê, captar o instante e escrever uma poesia que retrate o momento. Desde meados do século XX, tornou-se cada vez mais forte uma tendência de pensamento que buscou interpretar o tempo presente como sendo o término do que se convencionou chamar de tempos modernos ou modernidade. Não que o mundo modernista precisasse de reparos e o mundo pós-modernista fosse a prova dos mesmos, pois, apesar de atuar no sentido de demonstrar que todos os reparos são criações humanas, o pós-modernismo expõe que todos os reparos são consoladores e ilusórios e que eles alcançam seu valor e também sua limitação. (HUTCHEON, 1991, p. 24)

4.2 AS REPRESENTAÇÕES DA INUTILIDADE

Inutilidade é a palavra de choque que elegemos, não é preciso que se a tome ao pé da letra (BRASILEIRO, 2002, p. 150).

A própria história empenha-se em provar que a poesia apresenta-se no processo cultural como algo importante, mas nunca útil. Quase ninguém quer gastar dinheiro comprando um livro de poesia ou de literatura. As pessoas compram comidas, roupas, carros, somente o que de acordo com eles têm utilidade. A poesia, essa não, pois, na atual sociedade consumista, ela não tem utilidade.

Brasileiro sabe da importância da poesia e sua crítica é justamente por saber que ela subverte, questiona, rasura e critica. É este o papel da poesia. Em seu ensaio, ele questiona, critica e provoca ironicamente os poetas e leitores de poesia, para refletirem sobre a falta de lugar do poeta e da poesia. Como pode uma arte que há séculos tinha seu lugar de destaque, tinha um papel importantíssimo na formação do homem, hoje estar perdendo seu valor, seu lugar. “Só que os poetas, e um pouco menos os filósofos, se sentem ilhados. Ninguém quer ouvi-los” (BRASILEIRO, 2002, p. 146).

O povo quer dinheiro. Tempo é dinheiro. E a poesia requer tempo para ser feita. Brasileiro (2002, p. 118), diz “que mais inútil pode existir dentre todas as ocupações que este inocente querer ser?” Ao analisar o contexto atual, pode-se perceber que ninguém vive de poesia. Porém, afirma que, segundo Heidegger, ele não pensou em inutilidade, ou seja, não acredita que o fazer poesia seja uma ocupação inútil. Ao contrário, para ele, a sociedade vive um declínio, são tempos de indignação, e, mais que todos, o poeta é necessário. Brasileiro então questiona a afirmação de Heidegger, com a seguinte pergunta: “Mas para quê? Para que servem os poetas num tempo assim?” (BRASILEIRO, 2002, p. 118).

Numa sociedade hostil, alheia, fria e opressiva, precisa-se, sim, dos poetas. Segundo Brasileiro (2002, p. 68), o mundo não pode viver sem poesia, não existiria, “mas os poetas existem porque a realidade precisa ser vista”. Ele traduz o que vê e revela, através de seus poemas, o mundo com suas glórias e mazelas, a fim de fazer sentido estar nesse lugar que o exclui.

Octavio Paz (2012) afirma que a linguagem do poeta é a mesma linguagem de sua comunidade, qualquer que seja. Entre uma e outra, se estabelece um jogo recíproco de influências, um sistema de vasos comunicantes. Porém, o traço característico dos dias atuais é o rompimento do equilíbrio precariamente mantido ao longo do século XIX. No entanto, Bauman (2001, p. 149) diz que:

A memória do passado e a confiança no futuro forma até aqui os dois pilares em que se apoiavam as pontes culturais e morais entre a transitoriedade e a durabilidade, a mortalidade humana e a imortalidade das realizações humanas, e também entre assumir a responsabilidade e viver o momento.

Surge, portanto, uma voz ainda não ouvida antes, capaz de elevar até o fim sua altura. Nasce a poesia moderna, que, através da crise existencial do poeta e do seu olhar atento, retrata o cotidiano. No esforço em sobreviver nesse mundo que o desloca, o poeta, muitas vezes, se rebela contra a banalização da poesia em um mundo em que as relações de produção e consumo ditam as leis preestabelecidas pela classe média.

Brasileiro faz uma alerta e busca, de forma irônica, abrir os olhos para a situação da poesia e do poeta na atualidade. Ele entende que, muitas vezes, é inútil tentar mostrar ao outro, seja o que for. Por isso, afirma que:

A poesia, é claro, não salva coisa alguma. Nem está realmente aí para isto. Nossa intenção foi tão só a de alertar para a possibilidade de um ainda maior enclausuramento dos homens na sua cegueira. Presos, por assim dizer, do lado de fora. Mas foi também nosso propósito reafirmar aos poetas que são eles que estão livres (BRASILEIRO, 2002, p. 154).

Brasileiro (2002) cita aquele homem que voltou à caverna (Mito da Caverna), ao tratar ironicamente sobre a inutilidade da poesia, podendo-se dizer que ele é aquele homem que voltou à caverna, pois vê a situação dessa arte na modernidade. Ele busca abrir os olhos para a situação dessa arte, buscando resgatar o lugar e o valor, tanto da poesia, como do poeta nessa sociedade que o exclui e o ignora. Procura fazer seu papel, tentando mostrar para os seus semelhantes a “luminosidade do mundo”, que, nesse caso, é a desvalorização e o deslocamento da poesia e do poeta, alertando para a tomada de cuidado, para que ela não perca seu valor.

Em uma entrevista ao escritor Carlos Ribeiro, para o Jornal *A Tarde*, em 22/03/03, Brasileiro fala sobre sua intenção ao usar o termo “inutilidade” para a poesia: “Quando falo da ‘inutilidade’ na poesia, estou me referindo a esse sentido corriqueiro empregado pela sociedade.” Ele faz uma ironia, um questionamento, ele não acredita que a poesia é inútil, pelo contrário, ele sabe da força dessa arte e de sua real importância nessa nova sociedade onde o utilitarismo predomina, tanto que afirma: “se uma sociedade faz ouvidos mochos à poesia, esta sociedade não deve ir muito longe”.

As contradições existem para inquietar o homem, fazendo com que ele pense, reflita e questione sobre as verdades estabelecidas da vida, estando aí uma das utilidades da poesia. O escritor Jorge Fernando dos Santos escreveu uma poesia intitulada *Inutilidade da poesia*:

A poesia não serve pra nada.
Não serve pra comer
Nem pra beber.
Não serve pra vestir
Nem pra calçar.

A poesia não toca no rádio

Nem melhora a audiência da TV.
Não dá lucros,
Não paga impostos,
Não vence eleições,
Nem alucina os viciados.

A poesia é inútil,
A poesia é estéril,
A poesia não é isso nem aquilo,
Não ata nem desata,
Não fede nem cheira.
A poesia, senhores, é um absurdo!

(SANTOS, 2009, S/P)

Nesse poema, é clara a mensagem que o poeta tenta mostrar. Esses pequenos versos trazem questionamentos que levam a refletir que poesia não é um comércio, muito menos uma indústria. Mas, sim, emoção que toca as pessoas. Sobre tentar definir o que é poesia, Brasileiro (2002, p. 139), afirma que “só que o dizer da poesia é que é tudo”. Em virtude dos fatos mencionados, pode-se perceber que essa questão de valores é bem relativa.

A desvalorização da poesia deve-se ao fato de que os sujeitos habitam em uma sociedade dominada pela computação, que marginaliza qualquer vertente sincera de arte. Sendo assim, a poesia e também o poeta são apenas mais uma das vítimas dessa civilização robotizada e utilitária. Mesmo que, para algumas pessoas, esta arte está “ultrapassada”, existem grandes homens, como muitos citados nesse texto, que acreditam na grande importância dessa arte para o homem e para a

sociedade, pois, como diz Brasileiro: “o mundo não pode viver sem poesia. Não existiria.”

Do ponto de vista de Roberval Pereyr (2012, p. 97), o fragmentarismo na lírica moderna “representa - frente a um mundo falseado pela ideia de progresso, pela promessa da máquina e pela propaganda - uma quebra da máscara”. Brasileiro (2012) afirma que os processos de comunicação ficaram autônomos, “doentamente autônomos”, pois já não precisam veicular nada, a rigor, mas tão só se mostrar. Algo como “o sucesso pelo sucesso” se tornou a doença do tempo atual - quer dizer: algo ou uma pessoa faz sucesso justamente porque faz sucesso. Por isso, provoca os poetas, para uma tomada de posição. O poeta exerce um papel cada vez menos importante na sociedade moderna, essa arte antes vista como “quase sagrado” está perdendo seu encantamento. E isso não pode acontecer, pois a poesia doa sentido ao mundo.

Conforme afirma Pereyr (2012), “o universo lírico pode ainda representar o foco mais amplo de resistência à alienação em que se encontram envolvidos, em nosso tempo, os homens”(p.98). E disso sua poesia dá testemunho, pois é marcada pela busca da subjetividade, seja por meio da luta contra a repressão do ego e das forças exteriores que desejam a dissolução do sujeito, ou através da poesia, vista como espaço de realização plena da subjetividade. Enfim, uma poesia que dramatiza a experiência de um sujeito, que como afirma Boaventura (2011, p. 168), “inventa um destino possível para seu estar no mundo”.

Na opinião de Nildecy Bastos (2009, p. 32), Roberval Pereyr traz uma obra poética “gestada a partir de um centro comum: a busca de autoconhecimento, refletida na procura de suas múltiplas faces”. Renitente com a restrição imposta pelos sentidos do corpo, sua poesia “expressa a dor de se sentir desgarrado”. O passado está proposto em muitos poemas do escritor, que “alude a sonoridades mágicas e evoca tempos remanescentes na memória”. Abaixo, verifica-se o poema *Rigor 3*⁷:

Sou infeliz e quero conhecer-me:
quero saber quem sou por estes dias
tão cheios de terror, quero saber-me.

⁷ PEREYR, Roberval. Rigor 3. Revista Hera n.11. Feira de Santana: Edições Cordel, 1979.

Quero morrer de novo e renascer-me
e quero estar transido de agonias
e conhecer-me, quero conhecer-me.

este é o meu grito e, nele, quero ver-me
e comover-me em cantos, calmarias:
hei de saber-me, ah, hei de saber-me.

Em busca insistente do próprio eu, Roberval Pereyr acrescenta um universo de “mitos e de arquétipos”. A afirmação “Quero morrer de novo e renascer-me” contempla dois aspectos. O primeiro deles, referente à separação do mundo e pela quebra do princípio da identidade. Nesse sentido, os versos “Sou infeliz e quero conhecer-me”, na primeira estrofe, longe de exprimirem tristeza, refletem uma atitude afirmativa e se identificam com o aspecto de renovação. Ao tomar consciência de sua solidão, busca romper com o ensejo de seu aprisionamento. A esse respeito, Octavio Paz (2012, p. 141), faz a seguinte afirmação:

[...] O outro está sempre ausente. Ausente e presente. Há um vazio, uma fossa aos nossos pés. O homem vive descontrolado, angustiado, procurando esse outro que é ele mesmo. E nada pode trazê-lo a si, exceto o salto-mortal: o amor, a imagem, a aparição.

Segundo tal argumentação, Paz afirma que, na frente da ‘aparição’, os sujeitos ficam confusos entre seguir e recuar, em um traço contraditório das suas emoções que os detêm. O amor, na opinião dele, “suspende” e “arranca” de si mesmos, atirando-os no “estranho” por “excelência”. “Outro corpo, outros olhos, outro ser” (p. 141). A poesia de Roberval é voltada para o “eu”. Induz a questionamentos como “Quem sou e o que espero ser”. Essa busca pode ser identificada em muito dos seus poemas.

Pereyr (2012), cita que a lírica moderna constitui-se, de fato, numa linguagem “diferente”. Isso porque contraria, em suas bases, o padrão “clássico” de linguagem, o que leva a efeito de um novo “processo radical de desarticulação dos modelos de mundo e de homem em vigor no Ocidente desde a Grécia Antiga, mais precisamente desde a formulação do princípio da identidade – “O ser é, o não – ser

não é –” (p. 95). Essa desarticulação, operada pela poesia moderna, reflete a situação caótica de uma civilização fragmentária.

Em virtude dos fatos mencionados, percebe-se que a reflexão que Brasileiro (2012), faz contra a banalização da poesia em um mundo dos contratos de trabalho e da tecnologia, em que as relações de produção e consumo ditam as normas, é séria, e ao se parar para analisar a situação, poderá se constatar que o poeta, na situação atual, vem tentando manter-se firme, ou, melhor dizendo, vem tentando sobreviver a essa crise. Dessa forma, o que se pode esperar da poesia em um mundo marcado pelo predomínio do mercado e da globalização? É preciso uma tomada de posição e acreditar, assim como, Antonio Brasileiro, que “algo ainda de respeitável, quase sagrado, há na poesia”, pois não se pode deixar que essa arte caia no esquecimento ou que perca seu valor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade sempre serviu de inspiração para escritores e poetas. Com a modernidade não poderia ser diferente. O processo de modernização gerou grandes metrópoles problemáticas e em crise, abarcadas pela violência, pela instabilidade de valores e pelo desmoronamento das relações humanas. A voz do poeta torna-se individual e reflete uma condição menos coletiva, uma vez que não faz parte do sistema econômico, por não acrescentar a ele um valor produtivo.

A sociedade, infelizmente, não reconhece o valor do poeta e, por isso, não legitima as suas obras. Para entender e compreender os acontecimentos do seu tempo, as pessoas devem possuir ferramentas que somente o conhecimento pode transmitir. E a leitura de bons livros de poesia e de literatura, como um todo, são essenciais para a construção do poder crítico das pessoas. Por isso, durante muito tempo, os poetas e suas obras eram vistos como um perigo para a sociedade.

No século XIX, a situação social dos poetas piora. Paz (2012) afirma que a poesia não “ilumina” e nem “diverte” o burguês. E, por conta disso, a sociedade “desterra” o poeta e faz dele um “vagabundo”. Sobre a situação acima citada, Brasileiro (2012, p. 238) diz que:

Daí também que os poetas, pela primeira vez na história, não vivam do seu trabalho. Sua obra *não vale nada* se traduz precisamente em um *não ganhar nada*. O poeta tem de procurar outra ocupação - da diplomacia à fraude - ou perecer de fome. Essa situação se confunde com o nascimento da sociedade moderna.

É neste conflito que se aponta a poética moderna. No mundo atual qual é o poeta que vive só de poesia? Poesia não dá lucro, a situação do poeta não é boa. Dessa forma, muitas vezes, o poeta é obrigado a se tornar um funcionário, enclausurado nas indústrias e nas repartições públicas, para sobreviver no mundo moderno.

Tendo em vista os aspectos observados, conclui-se que, o ensaio *Da Inutilidade da Poesia* (2002), do poeta Antonio Brasileiro é um alerta para que essa

arte não perca, ainda mais, o seu status e o seu valor. Ele, como um grande poeta que é, mostra, de forma irônica, o que está acontecendo e o que pode acontecer com essa arte, caso não se tome uma posição. É preciso preservar e cuidar. Caso contrário, tanto a poesia, como o poeta, logo serão vistos como algo sem nenhuma importância, afinal o contexto que se apresenta esmaga, com toda força, aqueles que ousam escrever, fechando todas as portas do mercado mundial e chamando de louco o poeta, impedindo novos nomes de aparecerem e de forjarem um novo rumo na cena da arte poética. Brasileiro, como poeta e crítico, fez a parte dele: alertou sobre a situação. Cabe, agora, a cada um dos sujeitos envolvidos nessa questão (professores, ativistas, artistas, etc.) fazer também a sua parte, criando estratégias de fortalecimento do literário nos diferentes contextos sociais.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Nildecy de Miranda. **Roberval Pereyr em suas faces e interfaces.**

Dissertação apresentada no curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística na Universidade federal da Bahia Instituto de Letras. Salvador 2009.

<http://repositorio.ufba.br>. Acesso em 08/05/2017 às 23h00 e 22min.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa (Le Spleen De Paris).** Rio de Janeiro: Editora Athena, 1937.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOAVENTURA, Ildmar. **Dissonância diante do espelho:** o lugar do sujeito na poética da alta modernidade. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRADBURY, Malcom; McFARLANE, James. **Modernismo.** Guia geral. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL, Assis. (org.) **A poesia Baiana no século XX-** Antologia – Introdução e notas: Assis Brasil Rio de Janeiro: Imago ed, 1999.

BRASILEIRO, Antonio, et al (org). **Hera 1972-2005.** Edições fac-similar. Salvador: Fundação Pedro Calmon; Feira de Santana: UEFS, 2010.

BRASILEIRO, Antonio. **Da Inutilidade da Poesia.** Salvador: EDUFBA, 2002.

COUTINHO, Afrânio/ codireção Eduardo de Faria Coutinho. **A literatura no Brasil.** – 7 ed.rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

FONSECA, Aleilton. **Rotas & imagens**: literatura e outras viagens. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/Coordenação de Pós – Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2000.

FRIEDERICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XX a meados do século XIX; tradução do texto por Marise M. Curioni; tradução das poesias por Dora F. da Silva. São Paulo; Duas Cidades, 1978.

HERA n.º 09. Feira de Santana: Edições Cordel, 1977

HERA n.º 14. Salvador: Edições Cordel, 1982.

HERA n.º 07, Feira de Santana: Edições Cordel, 1975.

HERA n.º 13, Salvador: Edições Cordel, 1980.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**: tradução Ricardo Cruz. – Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

LIMA, Jecilma Alves. **Hera**: "Decifradores dos mitos esquecidos" Um grupo de poetas e uma revista de poesia no cenário da literatura baiana. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS. Feira de Santana, 2007.

MOACIR, Eduão. **O "Grupo Hera" e a Poesia em Feira de Santana**. LATITUDES, p. 80, n.º 23 – abril 2005.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEREYR, Roberval. **A unidade primordial da lírica moderna**. Rio de Janeiro: 7Letras; Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

RIBEIRO, Carlos. **Sinal de Alerta / Antonio Brasileiro**. Disponível em:
www.carlosribeiroescritor.com.br. Acesso em: 04 mai. 2017, às 00h15min.

SANTOS, Jorge Fernando. **A inutilidade da poesia**. Disponível em:
[www.jorgefernandosantos.com.br/blog/?Inutilidade da poesia p=116](http://www.jorgefernandosantos.com.br/blog/?Inutilidade+da+poesia+p=116). Acesso em: 03
mai. 2017, às 23h10 min.

A AUTORA

ARLETE LISBOA DOS SANTOS GRAIA



Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB / Campus VI - Caetité. Especialista em Literatura Brasileira: Formação do Cânone e Contrapontos Críticos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2017). Graduada em Pedagogia pela Faculdades Integradas Ipitanga- FACIIP(2019). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014). Membro do grupo de Pesquisa LEALLL - Linguagens e Educação: Alfabetização, Leitura, Linguística e Literatura (UNEB). Atualmente assume o cargo de Secretária de Departamento no DCHT/UNEB CAMPUS XX - Brumado, desde 11 de novembro de 2015. Possui experiência na área administrativa e na área da Educação.

ISBN 978-658459964-2



9

786584

599642